

“DA CRUEL PESTE LIVRAI AO POVO DESTA CIDADE”: REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS SOBRE O CÓLERA NO CRATO (1855-1862)

Jucieldo Ferreira Alexandre¹

São Sebastião, valei-nos!

Seguindo pela estrada que liga Crato (CE) ao distrito barbalhense do Arajara, no verdejante sopé da Chapada do Araripe, o viajante encontra à margem da pista uma bucólica capela, com rústico frontispício, pintado em branco e azul e pontuado por uma porta central com duas janelas acima. O pequeno templo fica no Sítio Currais, a cerca de cinco quilômetros em relação ao centro urbano do Crato. A edificação tem como patrono São Sebastião, que, segundo a tradição católica, viveu no século III, atuando como capitão da Guarda Pretoriana, na época de Diocleciano. Denunciado por ser cristão, foi condenado pelo imperador romano a ser amarrado em uma árvore e atravessado por dardos. Sebastião teria sobrevivido miraculosamente às flechadas, procurando, em seguida, Diocleciano para reprovar sua crueldade e demonstrar o poder de Deus. O imperador, irado, prendeu o militar, que foi, enfim, martirizado em público na cidade de Roma, através de pauladas e bolas de chumbo. O calendário hagiográfico consagrou o dia 20 de janeiro do ano de 288 como data da morte de Sebastião². Uma rica iconografia representa o santo como um belo jovem de torso nu, amarrado em uma árvore e crivado de flechas.

A capela de São Sebastião do Sítio Currais é um marco físico da passagem de uma epidemia do cólera³, no ano de 1862, pela cidade do Crato. Ante o medo da *peste* que estava levando tantos homens e mulheres para as valas comuns do cemitério dos coléricos, o major Felipe de Mendonça, proprietário do Sítio Currais, fez, de forma um tanto patriarcal, uma promessa ao mártir Sebastião: ergueria um templo em honra ao santo, “se não morresse de cólera-morbo nenhum dos membros de sua família ou de seus moradores”⁴. Passado o tempo do surto, ninguém da clientela do major foi vitimado. No intuito de cumprir seu voto, Felipe de Mendonça pede permissão a Dom. Luís Antônio dos Santos, bispo do Ceará,

¹ Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba. Professor da Rede Pública Estadual de Ensino do Ceará. Professor Substituto no Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (Crato – CE). E-Mail: <jucieldoalexandre@gmail.com>.

² MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de ouro dos santos: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 194. VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vida de santos*. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 177-182.

³ Enfermidade infectocontagiosa, a transmissão do *colera morbus* se dá pelo consumo de água ou alimentos contaminados pela bactéria *Vibrio cholerae*. Ao se instalar no intestino humano, o vibrião causa náuseas, cólicas abdominais, vômitos e violenta diarreia, o que ocasiona uma intensa perda de sais minerais e água. A reposição imediata dos sais e líquidos perdidos pela diarreia é a forma ideal de tratamento dos doentes. Todavia, é interessante destacar que a descoberta do agente causador da moléstia só se deu no ano de 1883, quando o médico alemão Robert Koch (1843-1910) conseguiu isolar e cultivar o *Vibrio cholerae*. O que significa dizer, portanto, que o cólera (causa, transmissão e tratamento) era pouco conhecido pela medicina em meados do século XIX, quando ocorreu o surto epidêmico tratado neste artigo.

⁴ PINHEIRO, Irineu. *O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes*. Fortaleza: s.r., 1950, p. 245.

para erigir a capela. A autorização é dada no ano de 1863. Contudo, apenas em 1888 o templo foi erguido, após um novo bispo, Dom Joaquim José Vieira, confirmar a licença feita por seu antecessor.

O major não foi o único a recorrer a São Sebastião no Crato de meados do século XIX. Pelo contrário, aparentemente, o santo gozou de popularidade em tal contexto, como mostra a deprecação, intitulada *Oração contra a peste*, composta originalmente por doze estrofes de quatro versos cada, publicada no jornal cratense n' *O Araripe* em 1856, em um período em que o cólera ameaçava contaminar a cidade:

*Sam Sebastião,
Nosso advogado,
Livrai nos da peste,
Filha do peccado.*

*Pedi a Jesus
Em nosso favor
Para que se extinga
Da peste o furor.*

[...]

*Somos peccadores
Sujeitos ao mal,
Temos merecido
Um castigo tal.*

*Porém bem contrictos
Então nos achamos,
O nosso perdão
Agora imploramos.*

*Com Jesus podeis
A graça alcançar,
De acabar a peste
Que nos quer ceifar.*

*Sam Sebastião,
Ó tão doce amparo,
Fazei com que cesse
Nosso pranto amaro.*

*De nós afastai
Cruel inimigo,
Em vós encontremos
Nosso doce abrigo.*

*Vós bem nos podeis
Livrar desta peste,
Pra nós alcançando
A graça celeste.*

[...]

*Se a lei do Senhor
Fiel não cumprimos,
Bem arrependidos
Mil perdões pedimos.*

*E vos promettemos
Cumprir fielmente
Os sacros preceitos
Do Omnipotente.⁵*

O autor da prece solicita o intermédio do santo junto a Jesus, no intuito de conter o castigo que ameaçava ceifar os pecadores, entre os quais se inclui o próprio autor, daí por que fala em primeira pessoa do plural. Conscientes de suas faltas, tais pecadores estariam contritos e arrependidos e prometiam, caso vencessem o cruel inimigo, cumprir fielmente os preceitos de Deus. Sebastião aparece adjetivado na fonte como advogado, doce amparo e abrigo e com poderes para conseguir a misericórdia de Jesus. Mas, o que o habilitava a agir como defensor diante do cólera? Por que o Major Felipe de Mendonça e *O Araripe* recorreram

⁵ *O Araripe*, n. 44, 10 mai. 1856, p. 04. Grifos meus. Optei por manter a transcrição da grafia original de todas as fontes citadas nesse artigo.

especificamente a tal santo? A resposta para tais questões pode ser buscada nas tradicionais representações⁶ em torno da figura de São Sebastião.

Jean Delumeau, tratando dos episódios de pânico coletivo que foram os surtos de peste negra no medievo, afirma que para os homens da Igreja e para os artistas, que tinham obras encomendadas por aqueles, a peste era representada como uma “chuva de flechas abatendo-se de súbito sobre os homens pela vontade de um Deus encolerizado”⁷. Essa imagem do flagelo jogado do céu em direção aos homens foi amplamente difundida pela iconografia dos séculos XV e XVI, e, ao longo do tempo e dos vários surtos ocorridos, o clero e os fiéis foram a assimilando mais e mais. As obras de arte do período não deixaram de destacar a similaridade entre os bubões, característicos da peste, e as chagas deixadas por flechadas⁸. É neste contexto que o culto a Sebastião vai ganhar proeminência. Desde pelo menos o século VII, o santo era invocado como protetor contra as epidemias, após ser difundida a história de que a transladação de suas relíquias para uma basílica erguida em sua honra, fora a responsável pelo cessar de uma *peste* que atingiu Roma no ano de 680.⁹ Contudo, a partir de 1348, quando a *peste bubônica* estourou na Europa, o culto ganhou vigoroso impulso. O motivo: se a peste eram dardos lançados do céu, que melhor defensor podia ter a cristandade que o santo guerreiro que sobrevivera ao ser cravejado por flechas?

*[...] Imaginada pelos meios eclesiásticos leitores do Apocalipse e sensíveis ao aspecto punitivo das epidemias, a comparação entre o ataque da peste e o das flechas que se abatem de improviso sobre vítimas teve por resultado a promoção de São Sebastião na piedade popular. Atuou aqui uma das leis que domina o universo do magismo, a lei de contraste que muitas vezes não é senão um caso particular de lei de similaridade: o semelhante afasta o semelhante para suscitar o contrário.*¹⁰

Dessa forma, o mártir passou a gozar de forte popularidade no universo católico europeu. Segundo Delumeau, até pelo menos o século XVIII, quase não houve igreja rural ou urbana sem uma imagem de Sebastião atingido por flechas. O autor aponta, inclusive, para a popularidade do santo em Portugal, reproduzindo um documento de 1666, no qual se lê que em determinada igreja de Lisboa existia uma imagem do mártir “com uma chave suspensa a uma flecha que lhe traspassa o

⁶ Na acepção de Roger Chartier, as representações devem ser entendidas como “as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”, sendo sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Desta forma, neste artigo, as representações são entendidas como formas de *ler o mundo*, próprias de determinados grupos sociais. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

⁷ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 113.

⁸ SOURNIA, Jean-Charles & RUFFIE, Jacques. *As epidemias na história do homem*. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 75.

⁹ MEGALE, *O livro de ouro dos santos*, p. 194.

¹⁰ DELUMEAU, *História do medo no Ocidente*, p. 116.

coração”, chave essa que teria sido doada pelo “senado municipal durante a peste que grassou há setenta anos – Deus nos proteja de seu retorno – a fim de que o santo livre essa cidade de tão grande mal, como fez desde então até o presente. Desse modo, ninguém ousa retirar-lhe essa chave”¹¹.

A popularidade do santo na Europa, particularmente em Portugal, atravessou oceanos, chegando ao Brasil Colônia, onde o culto ganhou novos contornos a partir das diferentes matrizes culturais presentes na *Terra de Santa Cruz*. Um exemplo pertinente disto é o fato de São Sebastião também ser cultuado nas religiões afro-brasileiras, correspondendo no candomblé ao orixá *Omolu* (ou *Abaluaê*), divindade responsável pelas enfermidades e pestes. Além de Sebastião, Roque, Lázaro e Benedito também são santos que representam tal entidade¹². Até os dias de hoje no interior do Ceará, São Sebastião continua extremamente popular, sendo comemorado por novenários em diversas capelas e paróquias a ele dedicadas e com procissões repletas de fiéis no dia 20 de janeiro.

A partir do que foi exposto, conclui-se, portanto, que a oração publicada n’*O Araripe* e a capela do Sítio Currais são indícios de como São Sebastião permanecia sendo representado como protetor contra as epidemias, daí a razão de seu culto ter sido favorecido pelo cólera no Crato de meados do século XIX. Essa representação secular de especialista no combate à *peste* justifica porque lhe foi dada a função de *advogado* diante do cólera e o porquê de um templo ter sido erguido em sua honra na localidade.

A interpretação da enfermidade como determinação celeste, visível na oração d’*O Araripe*, permanecia forte em meados do século XIX. Ao longo do tempo, tal percepção foi constante e praticamente se estende a todas as epidemias¹³. Tratando do assunto, Susan Sontag afirma, inclusive, que a “idéia da doença como um castigo é a mais antiga explicação da causa das doenças”¹⁴. A literatura antiga traz indícios disso: na *Ilíada*, Apolo aparece como um arqueiro que dizima as tropas, atingido-as com um “mal pernicioso”¹⁵ e o estourar de uma peste em Tebas leva Édipo a procurar o assassino do rei Laio, para satisfazer a ira divina e assim debelar o mal. No *Velho Testamento*, mais precisamente no livro do Êxodo, *Javé* envia a *peste*, e mais outras nove *pragas*, para constranger os egípcios a libertar os israelitas. No medievo, os surtos de peste negra engendraram explicações similares, como indicia as palavras de Giovanni Boccaccio, testemunha da peste que atingiu Florença em 1348:

Por razão de nossas iniquidades, a peste, atirada sobre os homens por justa cólera divina e para nossa exemplificação, tivera início nas regiões orientais, há alguns anos. Tal praga ceifara, naquelas plagas, uma enorme quantidade de

¹¹ Apud DELUMEAU, *História do medo no Ocidente*, p. 116.

¹² PEREIRA, José Carlos. *Sincretismo religioso e ritos sacrificiais: influência das religiões afro no catolicismo popular brasileiro*. São Paulo: ZOUK, 2004, p. 23.

¹³ ADAM, Philippe & HERZLICH, Claudine. *Sociologia da doença e da medicina*. Bauru: EDUSC, 2001, p. 18.

¹⁴ SONTAG, Susan. *Doença como metáfora/ AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 112.

¹⁵ DELUMEAU, *História do medo no Ocidente*, p. 113.

*peessoas vivas. Incansável, fôra de um lugar para outro; e estendera-se, de forma miserável, para o Ocidente.*¹⁶

Dando um exemplo mais próximo de nosso presente, a expansão da AIDS pelo mundo, nas últimas décadas do século XX, não deixou de despertar discursos moralistas e religiosos que enxergaram na mesma uma “condenação divina de uma sociedade que não vive conforme os mandamentos de Deus”¹⁷. Susan Sontag cita, inclusive, declarações de eminentes religiosos brasileiros (Dom José Falcão e Dom Eugênio Sales) para quem a síndrome seria consequência da *decadência moral, castigo de Deus e vingança da natureza*¹⁸. A historiografia vem demonstrando, deste modo, como surtos epidêmicos de doenças díspares que atingiram o Ocidente foram representados, em seus contextos históricos específicos, a partir de imagens semelhantes, entre as quais está a da doença como sinônimo da vontade celeste. Em seu estudo comparativo sobre as representações sociais da *peste negra* na Europa e da *gripe espanhola* (1918) no Rio de Janeiro, Ricardo Augusto dos Santos afirma que:

*As imagens relacionadas às doenças geralmente expressam representações sociais semelhantes, ainda que em conjunturas históricas específicas. Ao analisar o cotidiano das epidemias – que comumente contém marcas trágicas –, encontramos, em várias oportunidades, origens de símbolos de outros flagelos humanos.*¹⁹

Destarte, a epidemia de cólera, que atingiu a cidade do Crato na segunda metade do século XIX, não deixou de ser percebida pelos sujeitos históricos do período a partir das representações que apreendiam a doença como *castigo divino*, instituindo práticas votivas e penitenciais que buscavam redimir a população para assim alcançar o perdão celeste. Em presença do terror causado por uma epidemia – quando a morte cercava ao mesmo tempo a todos – recorrer a Deus era tentar vencer a adversidade da *peste*, pois, segundo a fé, a *Ele* tudo seria possível. Para George Duby, tratando das epidemias de outrora, diante “de um mal desconhecido, o terror é imenso. O único recurso é o sobrenatural. Reivindica-se a graça do céu e retiram-se de suas tumbas os Santos protetores”²⁰. No próximo tópico, analiso outros textos publicados no semanário cratense *O Araripe* que reforçam as representações sobre a relação de uma epidemia com os desígnios divinos.

¹⁶ BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. Vol. I. São Paulo: Abril Cultural, 1971, p. 13.

¹⁷ SONTAG, *Doença como metáfora...*, p. 124.

¹⁸ SONTAG, *Doença como metáfora...*, p. 125.

¹⁹ SANTOS, Ricardo Augusto dos. “Representações sociais da peste e da gripe espanhola”. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do & CARVALHO, Diana Maul de (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília: Paralelo 15, 2004, p. 129.

²⁰ DUBY, George. *Ano 1000, ano 2000: na pista dos nossos medos*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, p. 80.

Orações nas páginas de jornal

O ano de 1855 marcou o Brasil como o período da chegada do *colera morbus* ao território nacional. Segundo a historiografia sobre o assunto, a doença é originária da Ásia, mais precisamente da Índia, na região do baixo-Bengala, delta do rio Ganges, onde permaneceu de forma endêmica, o que significa dizer que para os asiáticos “a ceifa de vidas produzida pelo flagelo seria quase constante e não esporádica como o foi em outros lugares do globo”²¹. No século XVIII, a moléstia se difundiu com virulência nova por países próximos à Índia, atingindo, já no século XIX, a Europa, a América e a Oceania. Assim, o cólera, célere, cruzou os oceanos, tornando-se uma pandemia global, gerando tensão, medo e morte por onde passou.

Segundo Nikelen Witter, o “imaginário de terror em torno do “mal de Ganges”, como era chamado [o cólera], se construiu sobre o fato de que este matava não somente metade daqueles que contaminava, como também os matava em poucas horas e de maneira degradante”. Susan Sontag oferece considerações que dialogam com tal assertiva, ao afirmar que o temor socialmente construído em torno de uma doença não corresponde somente ao caráter fatal da mesma. As moléstias mais temidas seriam as que atingem fortemente a aparência física das pessoas, transformando o corpo em algo repulsivo. Quanto maior for seu caráter *desumanizador*, maior será a chance de ser apresentada como *peste*, metáfora para a visão mais pessimista de uma epidemia. O cólera foi uma das doenças elevadas a tal categoria metafórica:

*[...] embora matasse menos pessoas do que a varíola, na Europa ocidental do século XIX, era mais temida, porque surgia subitamente e seus sintomas eram degradantes: diarreia e vômitos incontroláveis, provocando o espetáculo horrível da decomposição do corpo. Em algumas horas, a desidratação radical encolhia o paciente e o transformava numa caricatura enrugada de si próprio; a pele ficava azulada (até hoje, em francês, um medo paralisante é une peur bleue); o corpo esfriava; a morte ocorria no mesmo dia ou pouco depois.*²²

Como já informado, tal *peste* aportou no Brasil em maio de 1855. O foco inicial de contaminação foi o Pará. Logo a moléstia se espalhou para outros pontos do Império, alcançando, ainda nesse ano, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, entre outras províncias, matando cerca de duzentos mil brasileiros até 1856. No mesmo ano em que o cólera iniciava sua desastrosa estada no império brasileiro, um jornal era fundado na cidade do Crato. Denominado *O Araripe* – em referência à chapada de mesmo nome que abrange a maior parte do sul cearense, o que demonstra a pretensão do órgão em se afirmar como representante de uma região –, seu primeiro número foi publicado no dia 7 de julho de 1855, circulando,

²¹ WITTER, Nikelen Acosta. *Males e epidemias: sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil* (Rio Grande do Sul, século XIX). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007, p. 36.

²² SONTAG, *Doença como metáfora...*, p. 108.

com algumas interrupções, até 1865.

O jornal em questão era porta-voz do Partido Liberal no sul da província do Ceará e tinha como redator o mestre-escola e advogado João Brígido dos Santos, que uma década depois da fundação d'O Araripe mudou para Fortaleza, tornando-se uma das maiores vozes políticas da imprensa cearense. O impresso era o espaço privilegiado para os discursos dos opositores ao Partido Conservador, especialmente para os comerciantes e profissionais liberais da localidade. A publicação circulava semanalmente, no geral, aos sábados, tendo um tamanho modesto, com média de quatro páginas por número e com textos distribuídos em duas colunas.

Durante uma década de circulação (1855-1865), o semanário tratou de temas regionais relacionados à política, à economia e à sociedade como um todo, o que evidencia os subsídios oferecidos pelo mesmo para o estudo da sociedade caririense do século XIX. Todavia, é um tema específico tratado pelo O Araripe que nos interessa aqui: o cólera. Contemporâneo aos surtos que grassaram nas cidades brasileiras no início da segunda metade do oitocentos, o impresso não deixou de reservar espaço em suas páginas para narrar os caminhos traçados pelo *mal de Ganges*, sempre atento à sua aproximação em relação ao Cariri cearense.

Ao tratar da questão, o periódico se autorrepresentava como espaço de divulgação da marcha da peste, bem como dos preceitos profiláticos e higiênicos advogados pela medicina científica, que ascendia politicamente no Brasil Imperial. As reformas urbanas e comportamentais que julgava eficientes no trato com a epidemia eram elencadas em suas páginas, como mostra o trecho seguinte, publicado na capa do número 20 d'O Araripe, em 17 de novembro de 1855:

As medidas sanitarias, que na quadra atual mais precisamos, é sem duvida que os funcionarios publicos lancem suas vistas sobre a cadeia publica, esse foco pestifero, que tem consumido as vidas de muitos infelises, e causa primaria de algumas molestias aparecidas nesta cidade; as sepulturas de nossa Matris, que se tornão insupportaveis, quando se abrem para os enterramentos no ceio das ruas; becos, quintaes, que ainda existem com pudridões; as poças e enxurradas de aguas, de que fasemos uso nos misteres da vida; e a falta de medicamentos e de quem caridosamente os applique a nossa numerosa população.

Por outro lado, diversos foram os textos publicados sobre medicamentos caseiros, concebidos como apropriados no combate ao cólera e feitos a base de produtos naturais de muita popularidade, tais como o limão, o alho, a ipecacuanha, a casca de pau-ferro, a hortelã, etc. A apropriação de saberes e práticas de fácil assimilação – devido à ligação com a cultura popular, abonadas, também, por relatos de médicos lá publicados – talvez possa ser explicada pelo fato de que os responsáveis por O Araripe compreendiam a publicação como o espaço apropriado para ditar os melhores meios de combater a doença, diante da constatação que aparentavam ter da aproximação geográfica da mesma, da falta de médicos no Cariri e da distância da região em relação à capital provincial, o que inviabilizaria socorro imediato em caso de contaminação. O Araripe, n. 280, de 08 de março de 1862, afirmava:

Parece pois que cedo teremos de ter a visita de epidemia, e que se aproxima tambem a nossa vez; nestas circunstancias, sendo absoluta a falta de medicos, e mesmo de homens praticos, que ja se tenham achado envolvidos pela epidemia, é conveniente que cada um vá fazendo a leitura das instrucções tantas vezes publicadas para o tratamento do cholera, vá cuidando de prevenir o mal pela hygiene a mais rigorosa.

Em comparação com o que era veiculado em outros órgãos da imprensa cearense, percebe-se que o destaque ocupado pelo tema epidemia no jornal não foi um fato isolado. Segundo Francisco Carlos Jacinto Barbosa, temas como *saúde* e *doença* ganharam as páginas dos jornais da província a partir de 1850, seja em artigos ou crônicas cotidianas, patrocinadas por médicos e redatores, ou na forma de propaganda de remédios e receitas. Longe de imperar uma homogeneidade no trato de tais questões, cada publicação trazia em si os princípios partidários a que estava ligada, bem como refletia o lugar que ocupava em tal contexto (governo ou oposição). “Neste sentido, a compreensão de como os jornais perceberam e divulgaram a experiência da cidade com a saúde e a doença passa, necessariamente, pela observação não apenas do que foi escrito, como também do lugar social de quem o escreveu”²³.

Neste contexto, também *O Araripe* não deixou de refletir o posicionamento e pretensões de seus autores, percebendo o cotidiano do Crato a partir dos ideais (políticos, econômicos, religiosos, entre outros) que o constituíam enquanto produto sociocultural de seu tempo. O tema cólera serviu, por exemplo, para divulgação dos projetos políticos representados pelo semanário: a ameaça que se avizinhava não deixou de ser utilizada pelos autores da publicação em questão para justificar as reformas urbanas e comportamentais que defendiam como símbolos de uma cidade *civilizada* – entendida como a adoção do que diziam ser os *bons costumes* e a *urbanidade* – e como oportunidade apropriada para polemizar com as autoridades do Partido Conservador da localidade e demais desafetos políticos, como aponta a citação a seguir, em que *O Araripe* afirmava ironicamente que o subdelegado do Crato, do Partido Conservador, deveria ser condecorado por ter fugido de medo durante o surto epidêmico do cólera em 1862:

*Pergunta-se ao Sr. subdelegado de polícia Francisco José de Pontes quando pretende voltar a seo destricto: dá-se-lhe a grata noticia de que o cholera já é passado, e agradece-se a sua ausencia por tanto tempo, a qual é um serviço tão meritório, que só por elle se lhe devia pregar ao peito um habito de Christo.*²⁴

A volta do subdelegado Pontes à cidade deu-se no início de outubro daquele ano, o que mereceu a escrita de novas linhas sarcásticas:

²³ BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. “As doenças viram notícia: imprensa e epidemias na segunda metade do século XIX”. In: NASCIMENTO & CARVALHO, *Uma história brasileira...*, p. 76.

²⁴ *O Araripe*, n. 285, 23 ago. 1862, p. 04. Grifos meus.

*Boas novas – É chegado o impagável snr. Francisco José de Pontes Simões, o subdelegado deste districto, que andou refocilando, durante o cholera, pelo termo da Barbalha. A patria agradecida lhe deve remuneração do grande serviço, que prestou à humanidade, favorecendo esta cidade com sua ausencia durante aquelles mãos dias. Com effeito aguentar o cholera e o snr. Xico, era uma dupla calamidade. A natureza que lhe pregou errados os dois olhos, cravando-lhe um mais baixo, outro mais a cima, com vistas para este bordo e bom bordo, quis em compensação dotal-o de uma saude de Hercules. Elle veio gordo e rechunxudo promettendo prestar bons serviços; bem entendido, se não se falar mais em cholera.*²⁵

Além de apresentar informações relevantes sobre as disputas políticas daquele contexto, entendo o jornal *O Araripe* como fonte riquíssima para a compreensão das representações engendradas pelos sujeitos históricos que vivenciaram um momento de tensão: a ameaça do cólera na cidade do Crato, que em 1862 matou mais de mil pessoas na cidade. Os textos publicados sobre o assunto no jornal, entre 1855 e 1862, dão mostras significativas das dúvidas e inquietações presentes na localidade, engendradas e trazidas à tona pela ameaça da epidemia, tais como as especulações sobre seu eventual alcance, formas de contágio e tratamento, práticas tidas como condizentes ou condenáveis no combate ao mal, etc.

Diante destas e outras inquietações, *O Araripe* não deixou de olhar para o Céu, adotando um discurso de tom votivo e penitencial, como demonstra o editorial da edição n.º. 20, de 17 de novembro de 1855:

Agora a nosso Reverendo Parocho corre o dever de chamar o povo a oração, para pedimos a Deus não nos fulmine com esse terrível flagello. O que não alcansarmos por meio da oração, nunca obteremos com medidas preventivas; só a infinita bondade de Deos nos pode preservar desses males de que somos dignos; por tanto o Parocho chame o povo a oração, este é o seguro meio de alcançar a graça. Elevemos nossas preces, elevemos nossos corações a Deos para lhe pedir as cousas, que nos são necessaria; é o gemido da alma em sua enteligencia; que se derige ao Auctor de todos os bens para solicitar delle a sua misericordia, e attrahir os soccorros de que precisamos.

A fonte afirma que, independente de qualquer medida profilática a ser utilizada, só a misericórdia divina – a partir das súplicas do vigário e da população – impediria o flagelo. Esse discurso penitencial, que incita o pároco a convocar seus paroquianos à oração, está ligado ao “regime particular da doença como fenômeno coletivo. Durante uma epidemia, não é apenas um indivíduo que fica doente, mas todos

²⁵ *O Araripe*, n.º. 291, 19 out. 1862, p. 2. Grifos meus.

os que estão à sua volta”²⁶. Esse caráter coletivo da enfermidade exige, pois, atos coletivos para debelá-la. Tratando das epidemias de *peste negra*, Jean Delumeau diz que “as iniciativas individuais não bastavam”. Se uma cidade inteira era tomada pela doença, toda ela era considerada *culpada*. Conseqüentemente, “sentia-se a necessidade de implorações coletivas e de penitências públicas cuja unanimidade e o aspecto (...), quantitativo, poderiam talvez impressionar o Altíssimo”²⁷.

Nesse sentido, orações públicas, procissões, autoflagelação, entre outras práticas penitenciais, eram encetadas para remissão dos pecados e vitória sobre a peste negra. Tais práticas coletivas de expiação também tiveram lugar no contexto tratado por este artigo. Quando no ano de 1862 a *peste* atingiu o Cariri, os sacerdotes da região intensificaram o uso de tais representações, inspirando, por meio de seus discursos conservadores e disciplinadores, práticas de expiação coletiva. Indícios disso podem ser captados nas cartas enviadas ao bispado do Ceará. Em correspondência datada em 21 de maio de 1862, Félix Aurélio Arnaud Formiga, vigário de Missa Velha, informava ao bispo Dom Luís Antonio dos Santos que, desde o surgimento do cólera, conservava “o povo de minha Freguesia em contínua penitencia, fazendo novenas a São Sebastião, à Nossa Senhora das Dores, à Santa Rita, a São José, Padroeiro da Freguesia, celebrando a Festa da Semana Santa e finalmente fazendo os exercícios do Mês Marianno”²⁸. Além de recorrer aos santos, ainda segundo a carta, em seus sermões, Pe. Félix se esforçava para convencer os fiéis de que a *peste* não era *tão terrível* e que menor se tornaria “com as nossas supplicas e mortificações do que temos muitos exemplos na História”. Diante das mortes que se sucediam e do medo que tomava conta da vila, o vigário, aparentemente, conseguiu comover os fiéis, que procuravam emendar seus atos, reconciliando-se com a Igreja e com as demais pessoas a sua volta, como insinua o trecho a seguir:

Devo dizer mais a V. Ex^a. que tenho pregado em quase todos os Domingos, como me tem permittido a minha fraquesa e incapacidade intellectual, foi meu primeiro cuidado fallar sobre o perdão das injurias, inimizadas, e tenho a fortuna de asseverar a V. Ex^a. que tem havido uma geral reconciliação n’esta Freguesia, de sorte que não me consta haver presentemente alguma malquerença: muita gente que por indefferença, ou outros motivos não se confessavão havia muito tempo, e parecião rebeldes, teem procurado a confissão sacramental, alguns amancebados se estão habilitando para se casarem e outros teem sahido d’esse miserável estado; e finalmente, Exm^o. Senhor, não me tem parecido sem fructo o chamamento á penitencia, em cuja pratica, muitos se teem convertido a vista da

²⁶ ADAM & HERZLICH, *Sociologia da doença e da medicina*, p. 17.

²⁷ DELUMEAU, *História do medo no Ocidente*, p. 146.

²⁸ Carta do Pe. Felix Aurélio Arnaud Formiga a Dom Luís Antonio dos Santos. 21 mai. 1862. Pasta CRA 15, 47. Acervo do Departamento Histórico Diocesano Pe. Antonio Gomes de Araújo (DHDPG).

*penitencia d'outros.*²⁹

Na fala do Pe. Félix, percebe-se como o pânico em torno do cólera, e os sermões penitenciais de seu pároco, fez os paroquianos, aparentemente, deixarem de lado as *malquerenças* pessoais, reatando relações e *perdoando injúrias* dos inimigos. Por outro lado, muitos fregueses tidos como *indiferentes e rebeldes* pelo padre, buscavam a *confissão sacramental*, provavelmente pelo temor de morrerem sem a absolvição dos pecados. O casamento era outro sacramento em alta naquela conjuntura, pois algumas pessoas que viviam em relações conjugais sem o crivo da Igreja, os *amancebados* citados no documento, se dispunham a casar. Outros que viviam da mesma forma *saíam desse miserável estado*, o que significa dizer, provavelmente, que concubinatos eram desfeitos, devido a preocupação em não perecer em *pecado*.

Diante do que expus nos últimos parágrafos, nota-se como o clero cariense aproveitou-se do cenário amedrontador do surto para reforçar suas pregações sobre o *pecado* inerente aos homens e sobre a *penitência* como forma de agradar a Deus. Por meio de novenas, procissões sermões, do estímulo aos sacramentos, entre outras práticas, os sacerdotes instavam a população cercada pelo cólera a se redimir e, dessa forma, abrandar a *ira celestial*.

Essa crença no poder de Deus e dos santos frente à doença pode ser visualizada numa série de dez orações publicadas no ano de 1856 pelo *O Araripe*, época em que o cólera estourara na Província de Pernambuco, que fazia divisa com Crato e outras localidades do Cariri, o que amedrontava a população do sul do Ceará. As deprecações foram dedicadas a santos populares, como Nossa Senhora do Livramento, das Dores, São Sebastião, São Roque, entre outros. Muito bem elaboradas e em forma de poesia, algumas orações destacavam, inclusive, os estragos causados pela *peste* no território brasileiro e a ineficiência da medicina no trato da moléstia, como podemos ler na prece dedicada ao *Bom Jesus*, pedindo misericórdia para a *Terra de Santa Cruz*, publicada em 08 de junho de 1856, na página 4 d'O Araripe:

*Senhor, pelos vossos Passos
P'ra salvar a humanidade
Da cruel peste livrai
Ao povo desta cidade.*

*Este cholera terrível
Que não cede á medicina,
He dos crimes o castigo
He a justiça Divina.*

[...]

*Reparai, Jesus querido,
Para o nosso litoral
Vêde as horriveis desgraças,
Conseqüências d'este mal.*

*Afflicção, a dôr e o luto
A viuvez, a orphandade,
A compaixão vos não move
Oh! Senhor Deos d'bondade?*

[...]

²⁹ Carta do Pe. Felix Aurélio Arnaud Formiga a Dom Luís Antonio dos Santos. 21 mai. 1862. Pasta CRA 15, 47. Acervo do Departamento Histórico Diocesano Pe. Antonio Gomes de Araújo (DHDPG). Grifos meus.

*Não he tão pia e cristã
Esta terra, Bom Jesus,
E este imperio que geme,
Não he o da vossa cruz?*

*Lave, Meu Deos, nossas culpas,
Vosso sangue precioso,
Seja o Brasil como d'antes
Um império venturoso.*

Não há informações sobre a autoria das súplicas impressas no jornal. Como *O Araripe* costumava reproduzir em suas páginas textos publicados originalmente em jornais de outros pontos do Império, talvez seus autores sequer fossem do Crato ou sua região. Todavia, a precisão sobre a autoria das orações não minora seu significado para as pessoas da época: representavam piedosos mecanismos de combate à peste que se avizinhava. Tendo em vista o momento de medo ocasionado pela ameaça da epidemia, é provável que elas tenham tido grande circulação entre os cratenses, instituindo práticas votivas e penitenciais que buscaram aplacar a ira divina e alcançar a *compaixão* celeste. Os textos publicados pelo jornal eram divulgados de boca em boca, fazendo circular as imprecações que prometiam ajudar a população a conquistar o auxílio divino em um momento de tensão e medo da morte.

Tradicional orago antipestilento, São Roque foi um dos invocados pelo *O Araripe* em 1856:

*Deos vos salve Roque Santo
De illustre sangue gerado,
Que fostes no lado esquerdo
Com a Crus assinalado.*

*Deos vos salve Roque Angélico,
Que pelo Anjo celeste
Vos mandou Deos o poder
Contra o castigo da peste.*

*Vós da pátria destinado
De mortal peste ferido
Curavas todo o christão,
Que da mesma era offendido.*

*Nessa pátria em que viveis
De mil fulgores cercado,
Não esqueçais, eu vos peço
Este povo angustiado.*³⁰

*Da vossa mão milagrosa
Só com o tacto excellente
A todos davas o remédio
Sarando subitamente.*

São Roque foi um dos santos mais invocados em época de epidemia³¹. Contemporâneo aos surtos epidêmicos do século XIV, Roque, nascido em Montpellier (França), aparece na hagiografia como alguém que, atingido pela peste

³⁰ *O Araripe*, n. 47, 08 jun. 1856, p. 04. É interessante ressaltar que essa oração veio publicada junto com outras quatro – duas dedicadas à Maria e as outras a Jesus –, ocupando uma página inteira do jornal, dividida em quatro colunas, o que aponta para a importância dada pela redação do jornal a tais preces naquela conjuntura.

³¹ A longa tradição que ligava o nome desse orago às manifestações epidêmicas ajuda a entender, por exemplo, por que no romance *A Peste*, de Albert Camus, publicado originalmente em 1947, o clero e os habitantes de Oran – cidade argelina, na época sob domínio francês – dedicaram um mês de preces coletivas ao mesmo. Como inexistiam estátuas de Roque nas igrejas de Oran, uma teve que ser executada “às pressas numa das oficinas da cidade”. CAMUS, Albert. *A peste*. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 134.

negra, foi expulso de Piacenza (Itália), refugiando-se em uma cabana nas cercanias dessa cidade. Durante esse tempo, era alimentado por um cachorro de caça que roubava comida de seu senhor e a levava àquela cabana. Descoberta a manobra do cão, seu dono passa a ajudar o doente, que se cura totalmente. Roque então teria retornado à sua cidade natal. Contudo, é tomado por espião por seus conterrâneos, que não o reconhecem. Sendo então preso, morre na prisão. Na ocasião da morte, uma luz resplandecente surgira no calabouço e o carcereiro avistou uma inscrição angelical perto do corpo – *eris in pestis patronus* –, o que conferia a Roque o patronato em época de peste³². Essa passagem hagiográfica aparece, inclusive, na oração publicada n’O *Araripe*: “Deos vos salve Roque Angélico, / Que pelo Anjo celeste / Vos mandou Deos o poder / Contra o castigo da peste.”

A narrativa hagiográfica sobre a experiência particular de Roque junto à doença acabou favorecendo sua representação como santo antipestilento. Afinal, ele teria vivenciado e vencido a *peste*, entendendo, portanto, o sofrimento dos doentes e a angústia dos demais fiéis diante das epidemias. A iconografia tradicional destaca isso, ao representá-lo ao lado de um cachorro, segurando um bastão, com bubões aparecendo em sua perna, estigma maior daquela doença. Em algumas obras, soma-se a tais personagens a imagem de um anjo que aplica um remédio sobre um bubão, o que reforça a crença no poder curativo do Céu.

É pertinente destacar que o culto aos santos foi um dos elementos mais marcantes do catolicismo popular brasileiro. Desde o período colonial uma relação de intimidade e afetividade foi construída entre devotos e os patronos celestes. Para Rita de Cássia Marques, os santos estavam presentes em todos os momentos e lugares do cotidiano colonial, daí por que eram os primeiros a ser solicitados na hora da doença. “Nessa hora, não era preciso ir à igreja para solicitar os favores; as casas tinham quase sempre uma ou mais imagens colocadas em oratórios, pequenos nichos ou mesmo estandartes à porta”³³. A relação entre o fiel e o santo era marcada pelo caráter doméstico e direto, sem intermediação, inclusive, dos padres, que eram raros em determinados lugares da colônia. Diante das doenças, vistas como eventos de origem sobrenatural, da força da natureza, da necessidade de bens materiais e vantagens sociais, os habitantes da colônia recorriam a diversos santos, instituindo *contratos simbólicos* do tipo *toma lá-dá cá*, como as promessas, ocasião em que o devoto oferecia algo em troca da graça concedida pelo padroeiro. Segundo Laura de Mello e Souza, “predominaram, com referência aos santos, as relações afetivas, a busca de aproximações, a familiaridade maior. Mas [...], houve momentos de cólera e de agastamento, na linha da economia religiosa da troca não atendida”³⁴. A relação de intimidade entre os santos e os fiéis era tanta, que, quando as graças almejadas não eram concedidas, as imagens sacras eram detratadas, decepadas, postas de cabeça para baixo, entre outras punições perpetradas.

No geral, cada infortúnio físico tinha um santo especialista: nas dores de dentes, Santa Apolônia era invocada. Os fiéis com feridas nos braços ou pernas contavam com o auxílio de Santo Amaro. São Brás era chamado para curar os problemas

³² DELUMEAU, *História do medo no Ocidente*, p. 149.

³³ MARQUES, Rita de Cássia. *A imagem social do médico de senhoras no século XX*. Belo Horizonte: Coopmed, 2005, p. 16.

³⁴ SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 122.

de garganta. Ainda hoje no Cariri cearense, é o nome dele que se invoca quando alguém engasga. Os olhos tinham como padroeira Santa Luzia e Santa Brígida socorria aos que sofriam com dores de cabeça. Em partos complicados, Santo Abelardo era a solução³⁵.

Tendo em vista a presença dos santos no cotidiano dos brasileiros de outrora, Roque e Sebastião, nesse sentido, eram importantes aliados a se conseguir, pois eram representados a partir de um longo histórico de atuação no combate às doenças e surtos epidêmicos, daí, pois, a notoriedade alcançada pelos mesmos. Assim sendo, de modo parecido com que ocorrera nos surtos de peste negra na Europa de séculos passados e no cotidiano das doenças coloniais - claro que guardando as especificidades próprias de cada contexto -, *O Araripe* fazia circular, pelas orações lá veiculadas, representações dos santos acima citados como especialistas em época de epidemia. Para as pessoas que vivenciavam uma quadra tão funesta, “era preciso colocar todas as possibilidades de seu lado e, portanto, abrandar o Todo-Poderoso encolerizado recorrendo às preces dos intercessores mais qualificados”³⁶. Apelar pelo auxílio dos santos especialistas pareceu um bom caminho para os leitores d’*O Araripe*.

Diante das representações que viam nos santo poderosos intercessores no combate à cólera e outra pestes, quem seria mais gabaritada para conseguir a piedade divina que Maria, a *Mãe de Deus*? É essa a conclusão que podemos enxergar através da leitura das preces apresentadas a seguir, publicadas n’*O Araripe*, em 17 de maio de 1856:

*Arca santa immaculada,
Tão pura e cheia de graça,
Sede a nossa salvação
Neste pego de desgraças.*

*Dissipai a cruel peste,
Poderosa Intercessora,
Como a cabeça esmagastes
Da serpente enganadora.*

*Es Mai d’ Deos, q’humanado
Por nós expirou na cruz,
Que pedirás, ó Senhora,
Q’vos negue o Bom Jesus?*

[...]

*A natureza, Senhora
Ao seu filho obedece,
E vosso filho que a rege
Não resiste à vossa prece.*

*Tambem es mãi carinhosa
Dos afflictos peccadores
Es o refugio que temos,
Nas amarguras e dores.*

*Advogada celeste,
Desta pobre humanidade,
Perdão, Senhora, alcancai-nos,
Da divina Magestade.*

Uma ordem hierárquica se apresenta nessa oração: o *Deus* – que se fez homem

³⁵ RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 96-97.

³⁶ DELUMEAU, *História do medo no Ocidente*, p. 149.

por sua vontade – reina sobre a *natureza*, tendo, deste modo, o poder de enviar a *cruel peste* contra a humanidade. Não obstante, um *bom filho* nada nega à *mãe*; nessa brecha o poder intercessor de Maria é justificado. Essas representações em torno da maternidade divina faziam dessa santa a *advogada* tida como mais poderosa no trato das doenças. A iconografia consagrou tal imaginário, ao representar Maria com seu manto estendido, impedido que as flechas enviadas do Céu atingissem a humanidade ou ela “reinando em glória entre os santos antipestilentos e recebendo por seu intermédio as preces dos doentes”³⁷.

Das dez orações publicadas n’*O Araripe em 1856*, seis foram consagradas à Maria. Segundo Luiz Mott, um dos “traços mais marcantes da espiritualidade luso-brasileira sempre foi a devoção preferencial de nossos colonos por Maria Santíssima”³⁸. Nenhum santo foi mais cultuado no Brasil que a *Virgem*: ela estava presente em todos os momentos da vida dos fiéis, do nascimento (sob invocações como *Nossa Senhora do Ó*, do *Bom Parto*, da *Expectação*, da *Conceição*, entre outras) à morte (*Nossa Senhora da Boa Morte*, da *Boa Viagem*, do *Carmo*, etc.). Destarte, a quantidade de orações marianas publicadas no semanário cratense demonstra o peso da imagem de Maria na vida das pessoas daquele contexto.

No caso de *O Araripe*, havia outro motivo para as invocações marianas se sobreporem sobre as demais orações dedicadas aos santos. A padroeira da cidade do Crato era Nossa Senhora da Penha, sendo cultuada na localidade desde finais da primeira metade do século XVIII, quando frades capuchinhos, ordem de conhecido ardor mariano, fundaram a Missão do Miranda para catequisar os índios Cariris. Devido à presença cotidiana da Senhora da Penha junto aos devotos cratenses, em sua edição de 15 de março de 1856, *O Araripe* convocava o “povo desta cidade” para que colocasse “os olhos em Deos, e rogue a sua Padroeira, que não permita sejamos atacados da epidemia”.

Nas tradicionais invocações dedicadas à Maria, o caráter humano da mãe de Jesus era comumente citado, o que buscava aproximar mais a santa da humanidade, para melhor adquirir seus favores. Um dos cultos mais populares no Brasil era o de *Nossa Senhora das Dores*, invocação que recorda os sofrimentos de uma mãe que acompanha seu filho ao calvário. Segundo Rita de Cássia Marques, no imaginário católico, Cristo não estava sozinho em sua *via-crúcis*. Maria caminhara ao seu lado. Devido sua presença no momento mais doloroso da vida de seu filho, ela era constantemente lembrada em momentos de forte angústia e dor, como no caso das doenças. “Maria não sofreu o martírio, mas reconforta os martirizados”³⁹. Ante as notícias veiculadas pelo próprio *O Araripe* sobre os lamentáveis feitos do cólera pelo império brasileiro, a *Virgem das Dores* não deixou de ser chamada:

³⁷ DELUMEAU, *História do medo no Ocidente*, p. 188.

³⁸ MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: *História da vida privada no Brasil*. Vol. I. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 184-185.

³⁹ MARQUES, *A imagem social do médico de senhoras no século XX*, p. 28.

Ó mãe do Deus homem,
Ó Virgem das Dores,
Volvei vossos olhos
Para os peccadores.

[...]

O cholera-morbus,
Sem contemplação,
Extinguir pretende
Vossa geração.

[...]

Um raio celeste
Dessa luz divina
Illuminar venha
Nossa medicina.

Para triumphantes
Podermos zombar
Desse desertor
Que nos quer ceifar

Excelsa senhora,
Typo de bondade
Lançai vosso manto
Sobre a christandade.

Vós, que já passastes
Por grandes tormentos,
Ouvi com ternura
Tão justos lamentos

A quem recorreremos
Nessa extrema dor?
Só a nossa mãe,
Mãe do Salvador.⁴⁰

É interessante notar a prece feita em favor da medicina. A oração pede que a *Virgem* lance um *raio celeste* para iluminar os médicos, ou seja, a *ciência médica* surge aqui como carecendo de *ajuda divina* para dar respostas efetivas ao cólera *desertor*. Até fins do século XIX, os preceitos científicos que tentaram explicar tal doença eram especulativos, insipientes, e os tratamentos ministrados eram plurais e contraditórios, de forma que os médicos pouco podiam fazer efetivamente contra a ceifa de vidas provocada pela moléstia.

Diante da devastação causada pela doença, das incertezas da medicina e da consciência do pecado, apelava-se também para o *Coração de Maria*, um coração humano, pulsante e piedoso, mas também, *remédio* para todas as horas, dado por Cristo à humanidade, como mostrava a edição n. 47 d'*O Araripe*, de 08 junho de 1856:

Em qualquer tribulação
Na mais cruel agonia,
Oh! quanto valer-nos póde
O coração de Maria!

[...]

Das garras do negro monstro
Ninguém livre se veria,
Se delles nos não tirasse
O coração de Maria.

[...]

O Divino Redemptor
Já na ultima agonia,
Deixou-nos para remédio
O coração de Maria.

[...]

Ó vós todos que soffreis
Qualquer mortal agonia,
Buscai, e sereis contentes,
O coração de Maria

⁴⁰ *O Araripe*, n. 47, 08 jun. 1856, p. 04.

Considerações Finais

A historiografia dedicada às doenças tem contribuído para a percepção de como tais fenômenos ultrapassam a esfera do *natural*, pois são vivenciados a partir de diferentes contextos e espaços, sendo interpretados socioculturalmente pelos sujeitos históricos, que encetam múltiplas representações e práticas na busca de dar sentido aos mesmos. Destarte, concorrem para a existência das doenças diversos elementos sociais, políticos, religiosos etc., o que torna seu estudo particularmente instigador aos historiadores, como aponta as palavras de Jacques Revel e Jean-Pierre Peter:

[...] A doença é quase sempre um elemento de desorganização e de reorganização social; a esse respeito ela torna frequentemente mais visíveis as articulações essenciais do grupo, as linhas de força e de tensões que o traspassam. O acontecimento mórbido pode, pois, ser o lugar privilegiado de onde melhor observar a significação real de mecanismos administrativos ou de práticas religiosas, as relações entre os poderes, ou a imagem que uma sociedade tem de si mesma.

Ao longo desse artigo, busquei demonstrar como a aproximação do cólera em relação ao Crato foi representada pelo jornal *O Araripe* a partir de uma antiga concepção religiosa que via no sobrenatural a explicação e o remédio para as epidemias que afligiam o mundo. Em meados do século XIX, o semanário cratense veiculou textos e orações em que invocava tradicionais protetores celestes, cultuados na Europa e no Brasil há séculos, por conta da crença nos seus poderes profiláticos contra as doenças que ameaçavam a vida dos fiéis.

Vistos como humanos e ao mesmo tempo divinos, santos como Sebastião, Roque e Maria (em várias invocações) apareceram em orações publicadas pelo jornal em forma de poesia, que foram disseminadas entre os amedrontados cratenses, que esperavam a visita do cólera, que matou centenas de milhares de pessoas em várias províncias brasileiras e que no ano de 1862 ceifou mais de mil pessoas no Crato.

Embasados na crença de que a doença era determinação divina, as publicações *d'O Araripe* convidavam seus leitores, e demais pessoas da região em que circulava, a adotarem atitudes pias para conseguirem a misericórdia do Céu, assim afastando o terror coletivo da morte. As orações e outros textos aqui trabalhados apontam para como imagens consagradas em epidemias ocorridas em séculos passados continuavam a inspirar os fiéis a buscar a intercessão de santos consagrados pela piedade popular como *advogados* em época de flagelo, demonstrando a força das representações religiosas a respeito das doenças e os ricos sentidos dados às mesmas pelas sociedades humanas ao longo de diferentes tempos e espaços.



RESUMO

O artigo analisa como uma epidemia de cólera que atingiu a cidade do Crato, na província do Ceará, em meados do século XIX, foi representada a partir de uma interpretação religiosa do fenômeno doença. Vista como “castigo de Deus”, uma série de orações foram publicadas em honra a santos considerados protetores contra a “peste” e várias práticas penitenciais foram adotadas na cidade do Crato para debelar a ameaça da epidemia. O artigo dialoga com a Historiografia das Doenças, que demonstra como um fenômeno natural pode ser também sociocultural, na medida em que diferentes práticas e representações são criadas pelos homens e mulheres para lidar com as enfermidades.

Palavras Chave: Historiografia das Doenças, Representações religiosas, epidemia de cólera.

ABSTRACT

The paper examines how a cholera epidemic that hit the city of Crato, in the province of Ceará, in the mid-nineteenth century, was represented from a religious interpretation of the phenomenon disease. Seen as “God’s punishment”, a series of prayers were published in honor of saints considered protective against the “plague” and various penitential practices were adopted in the city of Crato to quell the threat of the epidemic. The paper discusses the Historiography of Diseases, which demonstrates how a natural phenomenon can also be sociocultural, in that different practices and representations are created by men and women to deal with the disease.

Keywords: Historiography of Disease, Religious representations, cholera epidemic.

Artigo recebido em 24 mar. 2013.

Aprovado em 03 mai. 2013.